

## RESENHA



GLAUCIA MALERBA SENE\*\*,  
NAYARA AMADO\*\*\*

ROMERO, Margarita Sánchez, GARCIA, Eva Alarcón, JIMÉNEZ, Gonzalo Aranda (Ed.). *Children, spaces and identity*. United Kingdom: Oxbow Books, 2015. 364p.

No final da década de 1980, começaram a surgir os primeiros trabalhos sobre arqueologia da infância (LILLEHAMMER, 1989; BAXTER, 2006) como um desdobramento da avalanche teórica promovida pelas arqueologias de gênero e feminista. Deste então, foram contínuas, mas discretas as publicações sobre o tema com enfoque arqueológico.

Em 2015, surge a publicação *Children, spaces and identity*, reavivando as discussões sobre gênero e idade com ênfase na infância, aqui representada por diferentes faixas etárias até a adolescência. Concentrando experiências e estudos de caso muito diversificados sobre o tema, o livro, organizado pelos autores supracitados, vem para acrescentar novas reflexões sobre o assunto, ainda que os contextos analisados sejam predominantemente os europeus.

O livro foi subdividido em três partes, que tratam respectivamente sobre (I) Crianças, espaços e identidade, (II) Brincando, vivendo e aprendendo e (III) Espaço, corpo e mente: crianças em contextos funerários, totalizando vinte e cinco artigos científicos de diferentes autores.

No artigo introdutório de apresentação do livro denominado *Children, childhood and space: multidisciplinary approaches to identity*, os autores dividem os estudos mais modernos sobre as crianças em três aspectos relacionais: criança versus mundo em sua volta, criança versus adulto e criança versus criança. Todas essas vertentes englobadas no que eles chamam de “mundo infantil”.

\* Recebido em: 14.06.2018. Aprovado em: 18.06.2018.

\*\* Professora no Departamento de Arqueologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro.

\*\*\* Graduada em História pelo Centro Universitário Augusto Motta (UNISUAM). Graduada em Arqueologia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

O interesse deste livro vai além de considerar a criança apenas como objeto de estudo. É observar como as crianças constroem seus espaços (físico e abstrato) de vivência e convivência ou como esses espaços são construídos para elas, permitindo o estudo da infância sob diferentes idades e perspectivas em vários períodos da humanidade.

Grete Lillehammer em *Steps to children's living spaces* (p.10), dá especial importância em seu artigo a espacialidade, demonstrando como as crianças e os adultos se comportam de maneiras distintas nos mesmos ambientes. Segundo ela, isso tem a ver com suas experiências e percepções e com os estágios de vida em que se encontram: do “ser humano” e do “estar se tornando humano”.

A infância, de acordo com certas escolas teóricas, é uma construção social, sendo assim, pode servir como diagnóstico para o estudo da sociedade na qual ela está inserida, e para as várias versões de infância que existem.

Jiménez-Arenas, em *Complexity, cooperation and childhood: an evolutionary perspective* (p.26), apresenta a questão da infância sob uma perspectiva evolucionista e cita algumas características relevantes que diferenciam o *Homo sapiens* de outros homínidos e de animais em geral. Como o tamanho do crânio e do cérebro que é primordial para o desenvolvimento da inteligência simbólica do ser humano, dentre outros relacionados ao bipedismo.

O autor tenta demonstrar como esses e outros fatores, que tornaram a espécie humana tão particular, estão associados ao sucesso da adaptação do homem na terra, as suas relações complexas e de cooperação. Neste sentido, a infância faz parte desse processo, como elemento fundamental.

No artigo *Children as potters: apprenticeship patterns from Bell Beaker pottery of Copper Age Inner Iberia (Spain) (c. 2500 - 2000 cal BC)* (p.40), os autores fazem uma breve retrospectiva sobre o estudo da infância na arqueologia, demonstrando como as crianças eram consideradas seres inativos que apenas recebiam informações durante o processo de aprendizagem. Para suplantar esse pensamento, eis que surgem os estudos de agência da infância aqui representados através da produção artesanal de cerâmica. Tal atividade permite observar, através de formas e acabamentos grosseiros, gravações e decorações irregulares e marcas de dedos, a participação da criança como agente social dentro do grupo ao qual pertence. Para tanto, as evidências arqueológicas que os autores utilizaram foram a cerâmica campaniforme (Cultura Bell Beaker) presente na Espanha durante a Era do Cobre.

A autora do artigo *Social relations between adulthood and childhood in the Early Bronze Age Site of Peñalosa (Baños de la Encina, Jaen, Spain)* (p.59) destaca a relação social entre crianças e adultos, partindo do pressuposto que ambos compartilham o mesmo ambiente e convivem juntos. O ponto chave do seu estudo relaciona-se ao fato de que a infância não é uma fase de transição para a vida adulta, mas constitui um processo ativo, criativo e de experiências empíricas, biológicas e culturais que deixam suas marcas na materialidade, através dos mecanismos de socialização e aprendizagem. Seu estudo de caso tem como base os assentamentos de Peñalosa, na província de Jaen, na Espanha, construídos no começo da Era do Bronze, onde foram identificadas estruturas e objetos relacionados à organização social do grupo que ali vivia.

O foco do artigo *Gender and childhood in the II Iron Age: the pottery centre of Las Cogotas (Ávila, Spain)* (p.75) é a análise do centro de produção de cerâmica de Las Cogotas, em Ávila, Espanha durante a Era do Ferro a fim de compreender as relações e interações de ensino e aprendizagem entre crianças, jovens e adultos ao

longo do processo de manufatura dessa cerâmica, com ênfase na cadeia operatória e na agência.

Numa sociedade tão fortemente hierarquizada, a participação de jovens aprendizes era importante não só para a obtenção do conhecimento técnico do processo produtivo, mas também para o fortalecimento de identidades dentro da organização de gênero dessa sociedade. Nesse sentido, trata-se de estudo com escolhas e reflexões teóricas adequadas, que faz uso da materialidade de forma precisa.

Em *Playing with mud? An ethnoarchaeological approach to children's learning in Kusasi ceramic production* (p.88), os autores, a partir de estudos etnoarqueológicos, buscam entender as comunidades Kusasi, do noroeste de Gana, na África, direcionando o olhar para suas tecnologias cerâmicas e para as atividades de ensino e aprendizagem das crianças, com ênfase na ideia de representação.

Durante a análise contextual do processo de manufatura cerâmica in loco, foi possível observar que a organização do trabalho era exclusivamente feita por mulheres, responsáveis pelo processo de socialização das crianças e por conciliar a transmissão do conhecimento do grupo com a educação formal das crianças nas escolas. As análises e reflexões apresentadas são muito pertinentes para o estudo de gênero e infância em perspectiva arqueológica.

No artigo *Infantile Individuals: The great forgotten of ancient mining and metallurgical production* (p.105), os autores retratam a metalurgia como importante atividade de produção, no assentamento Peñalosa, da Idade do Bronze, em Jaén, Espanha. Considerada essencialmente masculina, sem lugar para mulheres e crianças, pelo senso comum, a metalurgia era realizada em unidades domésticas por grupos de afinidades ou familiares através dos quais homens, mulheres e crianças participavam das diferentes fases da confecção das peças, compartilhando o mesmo espaço. Também aqui os autores direcionam as reflexões através do pós-processualismo, da teoria da agência e da análise tecnológica com base na cadeia operatória do processo produtivo.

O autor de *Learning to be adults: games and childhood on the outskirts of the Big City (San Isidro, Buenos Aires, Argentina)*(p.122) dá início ao seu artigo demonstrando como as minorias passaram a ser levadas em consideração e como a infância passou a ter visibilidade através dos brinquedos. Era importante compreender com o quê, quando e como as crianças brincavam, o que permitiu a identificação e o estudo pormenorizado dos espaços lúdicos e sua função social na Argentina do século XIX.

O brinquedo não só reflete padrões culturais de seu tempo como também faz com que as crianças o reproduzam, aprendendo assim suas futuras funções de gênero quando adultas. No entanto, nem todo brinquedo é um treinamento para a vida adulta já que alguns servem simplesmente para divertir. O autor lembra ainda que a relação entre pais e filhos era praticamente sem afeto nesse período e o conceito de família feliz só começou a ser pensado a partir do século XIX. Trata-se de um estudo em arqueologia histórica com tendência mais moderna, cuja ênfase é para estudo de minorias nas quais se inserem as crianças.

Neste artigo *Disabled children an domestic living spaces in Britain, 1800-1900* (p.136), a autora aborda o tema das crianças com saúde frágil e sua relação com o espaço doméstico onde passavam a maior parte do tempo, pois se acreditava à época que a independência não era apropriada para as crianças. Essas crianças com tifo, tuberculose, varíola, pneumonia, bronquite e convulsão, por vezes eram consideradas um fardo, e encorajadas a não reclamarem, suas doenças se agravavam. A autora analisou de forma

bem precisa e detalhada o mundo dessas crianças e sua relação com a dinâmica social de classe e de construção de gênero.

Em *La Evolución de los espacios de aprendizaje de la Infancia a Través de los modelos pedagógicos* (p.155), ressalta-se a importância dos espaços onde a educação infantil é desenvolvida e como isso se reflete na arquitetura proposta para escolas. O interesse pelas construções escolares surge no final do século XVIII e XIX e em função da importância que a educação passa a desempenhar. As escolas passam a ser espaços de socialização das crianças e onde elas iniciam sua preparação para a vida. O estudo apresenta ainda os diferentes modelos pedagógicos de Froebel, Montessori e Reggio Emilia.

Em *Montessori y el ambiente preparado: um espacio de aprendizaje para los niños* (p.168), que tem como tema o método Montessori, a autora chama a atenção para a intrínseca relação entre os espaços de aprendizagem e os materiais didáticos empregados durante as atividades de ensino na infância. Tais elementos são fundamentais para o desenvolvimento cognitivo e comportamental das crianças, pois permite o reconhecimento das diferenças individuais, respeita o ritmo de aprendizagem e estimula a espontaneidade de cada uma. Na verdade, através do olhar para o processo de ensino e aprendizagem infantil, a autora chama a atenção para como a infância corresponde a um mundo próprio que demanda um aparato (materialidade) específico para que a plenitude das potencialidades seja despertada. Descrições e imagens de materiais sensoriais históricos ilustram bem a discussão, ressaltando a forte relação entre materialidade e cognição.

No artigo *Didactics of childhood: the case study of prehistory* (p.179), segundo a autora, a partir do momento que as mulheres passaram a ser consideradas como agentes individuais e sociais, é que as crianças surgiram no cenário arqueológico, vinculadas aos estudos de gênero. Para ela, a invisibilidade das crianças no registro arqueológico caminha pari passu com a ausência do ensino de pré-história na Espanha. Com base nesse diagnóstico, a autora dedica-se a uma exaustiva análise da estrutura e do processo construtivo do tema dentro da educação infantil na Espanha. Como decorrência, a autora propõe uma nova maneira de aprendizado da disciplina pré-história, propondo uma nova metodologia composta por metas, estratégias e fases progressivas.

Em *Once upon a time...Childhood and archaeology from the perspective of Spanish museums* (p.193), as autoras falam da importância de incluir as crianças nas exposições e atividades realizadas em museus arqueológicos, destacando como esses espaços são importantes instrumentos para a educação das crianças. Faz um breve histórico da inclusão da infância nesses espaços e como isso vem sendo feito em museus da Espanha. Ainda que não se aprofundem muito, elas discutem o papel da cultura material como importante veículo de conhecimento e comunicação das pessoas, demonstrando as estratégias utilizadas para atrair e representar as crianças nos museus. Por mais que os museus e suas equipes técnicas tenham investido em inclusão das crianças a frequência delas ainda é muito baixa, especialmente aquelas que lá chegam por meio de visitas escolares. Daí o maior investimento em atividades interativas que envolvem a participação de famílias, pois são elas que mais levam seus filhos até os museus espanhóis.

Em *Home to mother: the long journey to not Lose one's own identity* (p.208), através do best seller "Follow the rabbit-proof fence", de Doris Pilkington Garimara, publicado em 1996, a autora procurou demonstrar a intrínseca relação entre espaço e a construção da identidade. O livro conta a história de três irmãs aborígenes australianas

que, ainda pequenas, são repentina e precocemente separadas de sua família e do seu espaço social, com base na Aborigenes Protection Act, de 1909, que permite oficialmente que crianças aborígenes sejam retiradas do meio em que vivem, contra sua vontade e de seus parentes, a fim de apagarem sua identidade nativa e incorporarem uma nova, a branca dominante.

A autora procura demonstrar como o afastamento prematuro das crianças, do seu espaço físico e social, provoca a perda de identidade, de linguagem e de cultura original. Trata-se de um exemplo real de quão forte são os laços entre espaço e identidade durante a infância.

Em *Use of molecular genetic procedures for sex determination in 'Guanches' children's remains* (p.218), destacando a importância do estudo da infância e o papel de destaque que elas desempenham na dinâmica social, os autores e autoras apresentam a eficácia de um teste genético para a diagnose sexual infantil denominado qPCR, baseado no estudo do gene amelogenina. Descrevem todo o processo, desde a coleta da amostra até a obtenção do resultado. Sabendo da dificuldade da determinação sexual em indivíduos fisicamente imaturos, o artigo apresenta diretrizes objetivas e úteis para pesquisadores com boas amostras ósseas e dentárias infantis cuja identificação sexual pode agregar maior conhecimento sobre práticas sociais cotidianas.

*Salud y crecimiento em la Edad del Cobre. Um estudio preliminar de los individuos subadultos de Camino del Molino (Caravaca de la Cruz, Murcia, España). Um sepulcro colectivo del III milênio cal. BC.* (p.230), trata-se de um estudo bioarqueológico da Idade do Cobre da região de Murcia, na Espanha, composto por vinte e cinco amostras ósseas de sepultamentos de crianças e jovens, objetivando diagnosticar as condições patológicas dos indivíduos. Apresenta uma estrutura formal e descritiva, sem grandes novidades teóricas ou metodológicas para a identificação de lesões poróticas no crânio, fêmur, ísquio e na coluna vertebral, com alta frequência em faixas etárias específicas.

O artigo *Infant burials during the Copper and Bronze ages in the Iberian Jarama River Valley: a preliminary study about childhood in the funerary context during III – I millenium BC.* (p. 243), detém-se ao estudo dos rituais funerários de crianças durante a Idade do Cobre e do Bronze no Vale do Jarama, Espanha, com base na amostra de vários sítios arqueológicos da região. Ainda que dados bioarqueológicos sejam apresentados em forma de tabela, os autores e autoras estão mais interessados na estrutura e composição das covas, especialmente no acompanhamento funerário, se vinculado ou não à Cultura Bell Beaker (Cultura do Vaso Campaniforme), do III milênio na Europa. Objetivando a identificação de status diferenciados entre os indivíduos de todos os contextos estudados, o artigo dialoga mais intensamente com o paradigma processual do que com qualquer outro. Acreditamos que uma análise pormenorizada da cultura material de cada contexto funerário poderia trazer reflexões mais consistentes.

O autor de *Premature death in the Vaccean Aristocracy at Pintia (Padilla de Duero/Peñañiel, Valladolid). Comparative study of the funerary rituals of two little 'Princesses'* (p.262) busca investigar a relação entre gênero e idade nas covas funerárias do sítio necrópole Las Ruendas, Píntia, Espanha, mas acaba, de certa forma, seguindo o mesmo caminho dos autores do artigo anterior, buscando entender as relações de gênero e idade, por meio dos rituais funerários, cuja materialidade valoriza e se faz representar quase que exclusivamente pelos acompanhamentos funerários. A quantidade, qualidade e diversidade foram os parâmetros escolhidos para selecionar, analisar e

comparar as covas funerárias da necrópole e classificá-las quanto ao status da criança ou adolescente. Tal perspectiva poderia ser enriquecida se apresentasse uma análise tecnológica mais consistente da cultura material das covas, permitindo associações e interpretações mais precisas.

A autora de *Dying Young in archaic Gela (Sicily): from the analysis of the cemeteries to the reconstruction of early colonial identity* (p.282), estudou os espaços funerários da necrópole de Gela, na Sicília, fazendo a priori um breve histórico das pesquisas arqueológicas na região, desde o início do século XX. A ênfase do estudo diz respeito aos rituais funerários, tendo como base as práticas de cremação e inumação e todo o aparato material a elas associadas, a fim de identificar indicadores de gênero que sejam recorrentes para adultos masculinos e femininos, crianças e adolescentes. O estudo não traz maiores contribuições teóricas e/ou metodológicas.

O estudo *Maternidad e inhumaciones perinatales em el vicus romanorrepblicano de el Camp de les Lloses (tona, Barcelona): lectures y significados* (p.294) traz uma contribuição interessante sobre a Idade do Bronze na Espanha, através do sítio arqueológico Camp de les Lloses, um assentamento militar Romano-republicano, próximo à Barcelona. Nele foram encontrados enterramentos de recém-nascidos e bebês dentro das casas, junto aos cantos dos cômodos, bem como um número considerável de animais. Sua localização suscita a possibilidade de práticas rituais tendo como protagonistas as mulheres nativas da região, possivelmente as mães das crianças, que mantiveram relações afetivas com os militares que por ali passaram. As autoras acrescentam em suas reflexões a ideia de 'identidade social negada' àquelas crianças que de forma velada, foram ali depositadas. Ao mesmo tempo, ao serem enterradas nas próprias casas, as crianças se manteriam para sempre na memória e sob a proteção de suas mães. O artigo ultrapassou os limites da descrição, propondo reflexões e interpretações consistentes com os contextos e materialidades encontradas, fugindo do enfoque repetitivo: sepultamento-acompanhamento-status.

O artigo *Children and funerary space. Ritual behaviours in the Greek colonies of Magna Graecia and Sicily* (p.310) apresenta parte dos resultados de um Programa de Pesquisas sobre crianças e o espaço da morte no Mediterrâneo Antigo, com ênfase na região da Magna Grécia e Sicília. Os elementos estudados desse contexto foram os marcadores e os conteúdos dos túmulos das necrópoles estudadas, demonstrando uma forte relação entre tipos de tumba e classes de idade. Por outro lado, ao contrário de outros artigos sobre contextos funerários deste livro, os autores não consideraram seguro associar acompanhamentos mortuários com estratégias de representação do status social do morto.

A autora de *Children and their burial practices in the Early Medieval Cemeteries of Castel Trosino and Nocera Umbra (Italy)* (p.327), com ênfase em contextos medievais antigos da parte central da Itália, representados pelos sítios-cemitérios Castel Trosino e Nocera Umbra, estudou as tumbas de crianças buscando marcadores de status e de etnia no acompanhamento funerário depositado junto aos corpos dos indivíduos. Alguns dos quais foram associados a uma ocupação germânica, outros à presença bizantina e também à influência cristã. Destacam-se reflexões sobre o papel apotropaico de alguns objetos confeccionados em pedras semipreciosas e âmbar. Segundo ela, houve um cuidado especial com os enterramentos infantis, sugerindo que os adultos do medievo inicial tinham muito cuidado com suas crianças. Contudo, parece-nos uma interpretação bastante inquietante, uma vez que há uma farta documentação histórica do período em questão que diz exatamente o contrário (ARIÉS, 1981, HEYWOOD, 2004).

No texto *La cultura lúdica em los rituales funerários infantiles: los juegos de velório* (p.342), os autores dedicaram-se a examinar as dinâmicas sociais em velórios de crianças denominados ‘velório de angelito’ que ocorreram em boa parte da América Latina e em diferentes lugares da Espanha até o início do século XX, tendo sua origem na África Negra e aqui introduzidos pelos escravos bantus. As práticas rituais desse tipo envolvem intensos cantos, danças e distribuição de muita comida para os participantes. Segundo eles, o ritual era necessário para que se efetivasse a transformação. Trata-se, pois, de um estudo etnohistórico que demonstra uma outra maneira de encarar a morte de uma criança e tornar sua passagem mais suave para todos. Do ponto de vista arqueológico, chama a atenção para que nossa interpretação esteja atenta a diversidade performática do ritual funerário em diferentes contextos culturais.

O artigo *Compartiendo la experiencia de la muerte. El niño muerto y el niño frente a la muerte* (p.355) trata da representação da morte, com ênfase no ritual funerário de crianças do final do século XIX, na Espanha, tendo como foco a criança-defunto, a criança-anjo, a criança-altar, a partir da análise de fotografias históricas. Os cemitérios, enquanto espaços de encontro entre vivos e mortos e de memória, e toda sua materialidade, integram as reflexões. Os autores procuraram demonstrar como a dor da perda era minimizada pelo tratamento cuidadoso do corpo da criança, através de tecidos, cores claras, flores, adereços e cenários. Trata-se de uma documentação que era produzida à época e que expressa uma tradição cultural.

O livro apresenta uma compilação de informações e reflexões ímpares sobre gênero, idade e infância, reforçando a vocação multidisciplinar da arqueologia. Tal iniciativa e composição diversificada corroboram a pesquisa arqueológica sobre as crianças enquanto agentes ativos da dinâmica social.

#### Referências

- ARIÉS, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: LTC, 1981.  
HEYWOOD, Colin. *Uma história da infância*. Porto Alegre: Artmed, 2004.